



Editorial Oecologia Australis

Setembro 2026

Caros leitores,

É com grande prazer que assumo o cargo de editor-chefe da *Oecologia Australis*, após atuar como editor associado. Continuaremos trabalhando para aprimorar os indicadores da revista e buscar novas indexações em bases de dados de maior abrangência, sempre tendo como prioridade a publicação de trabalhos de alta qualidade e rigor científico. Agradeço à Dra. Rosana Gentile, que esteve à frente da revista como editora-chefe nos últimos dois anos e que, a partir de agora, passa a atuar como vice-editora-chefe

Este volume de setembro de 2026 reúne oito artigos: um artigo de opinião, seis artigos completos e uma comunicação curta, que abrangem diferentes táxons e biomas do Brasil, combinando inventários de biodiversidade, estudos sobre estrutura e dinâmica de comunidades, ecologia espacial e conservação, além de uma investigação sobre percepção pública de espécies invasoras.

Começamos com o artigo de opinião de Azevedo-Santos e colaboradores, que discute como classificar hierarquicamente os cursos d'água em estudos ecológicos. Os autores comparam os métodos clássicos de Strahler (1957) e Shreve (1967) e argumentam que o primeiro, embora amplamente adotado, apresenta limitações para representar adequadamente a hierarquia fluvial de uma bacia hidrográfica. O método de Shreve permite comparações mais claras entre cursos d'água de hierarquia equivalente e uma caracterização inequívoca de sua magnitude, e por isso os autores recomendam sua adoção mais ampla, contribuindo para uma comunicação mais clara da hierarquia dos cursos d'água aos leitores.

O primeiro artigo completo do volume, de Umbelino e colaboradores, apresenta um inventário florístico em uma área de floresta ombrófila aberta na Floresta Nacional do Jamari, no sudoeste da Amazônia. Os autores registraram 465 indivíduos de árvores e palmeiras pertencentes a 220 espécies, complementando a caracterização estrutural da comunidade com análises de tamanho de sementes, distribuição biogeográfica e status de ameaça projetado para 2050. O estudo destaca a alta proporção de espécies raras e a carência de avaliações de ameaça para a maioria delas, reforçando a importância de ampliar o conhecimento florístico da região.

Já Canalli e colaboradores investigaram a dinâmica de uma comunidade de macrófitas em uma área úmida de Mata Atlântica ao longo de um ano e encontraram um resultado que desafia a expectativa inicial: a variação sazonal teve pouca influência sobre a composição da comunidade. Os autores sugerem que fatores como a profundidade, interações bióticas e impacto antrópico podem desempenhar papel mais relevante na estruturação dessa comunidade do que o ciclo seco-chuvoso.

A partir daí, o volume se volta para a ecologia de vertebrados. Gruener e colaboradores estimaram áreas de vida de aproximadamente 200 km² para duas onças-pardas no Parque Nacional da Serra do Itajaí, em Santa Catarina. Florestas foram o único tipo de ambiente efetivamente selecionado pelos animais, enquanto áreas antropizadas foram evitadas. Os resultados reforçam a importância da manutenção da cobertura florestal e da conectividade da paisagem para a conservação da espécie. Em seguida, Braga e colaboradores inventariaram os mamíferos de médio e grande porte de Buritizeiro e Pirapora, em Minas Gerais, registrando 23 espécies, entre elas duas endêmicas do Cerrado e seis ameaçadas. Onze espécies são cinegéticas, comumente alvo de caça e captura para subsistência ou recreação, revelando uma fauna que persiste, ainda que sob pressão, em uma paisagem fragmentada e fora de áreas protegidas.

Na sequência, Geller e colaboradores analisaram as percepções sobre a invasão e os impactos do peixe-dourado (*Salminus brasiliensis*), bem como a valorização sociocultural da pesca de espécies endêmicas ou não. Os autores observaram que a maioria dos entrevistados identificou corretamente o dourado como espécie não nativa, mas houve confusão quanto à natividade de algumas espécies da bacia. Também foi identificada divergência entre os grupos entrevistados quanto ao reconhecimento dos impactos do dourado sobre a ictiofauna nativa.

Fechando a seção de artigos completos, Ribeiro e colaboradores avaliaram a abundância e a riqueza de famílias de vespas parasitoides em dois fragmentos florestais de Cerrado. Os autores encontraram um efeito negativo da umidade tanto sobre a riqueza quanto sobre a abundância, mas não identificaram tendências temporais consistentes nem diferenças relevantes entre os fragmentos.

Encerrando o volume, trazemos a comunicação curta de Mello e Soares, que conduziram um monitoramento de um ano do desembarque pesqueiro em Barra de Guaratiba, Rio de Janeiro. Os autores registraram 671 espécimes de elasmobrânquios, pertencentes a 17 espécies, duas das quais apresentam algum grau de ameaça. Em comparação com estudos anteriores, observaram ainda uma

redução da diversidade registrada e uma mudança nas espécies dominantes, além do registro de duas espécies pela primeira vez na região.

Boa leitura.

Dr. Ivan Monclaro Carneiro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil
Editor-Chefe – *Oecologia Australis*



Editorial *Oecologia Australis*

September 2026

Dear readers,

It is with great pleasure that I assume the role of Editor-in-Chief of *Oecologia Australis* following a period as an Associate Editor. We will continue to work towards improving the journal's metrics and securing indexing in broader databases, always aiming for high-quality publications and scientific rigor. I would like to thank Dr. Rosana Gentile, who served as Editor-in-Chief for the past two years and will now serve as Deputy Editor-in-Chief.

This September 2026 issue brings together eight articles: one opinion article, six research articles, and one short communication, covering different taxa and biomes across Brazil and combining biodiversity inventories, studies of community structure and dynamics, spatial ecology and conservation, as well as an investigation into public perceptions of invasive species.

We begin with the opinion article by Azevedo-Santos and colleagues, which discusses how watercourses should be hierarchically classified in ecological studies. The authors compare the classic methods proposed by Strahler (1957) and Shreve (1967) and argue that the former, although widely adopted, has limitations for adequately representing the fluvial hierarchy of a drainage basin. The Shreve method allows clearer comparisons among watercourses of equivalent hierarchical level and an unambiguous characterization of their magnitude. The authors therefore recommend its broader adoption, contributing to clearer communication of watercourse hierarchy to readers.

The first research article in the issue, by Umbelino and colleagues, presents a floristic inventory of an open ombrophilous forest in the Jamari National Forest, in southwestern Amazonia. The authors recorded 465 tree and palm individuals

belonging to 220 species, complementing the structural characterization of the community with analyses of seed size, biogeographic distribution, and projected threat status for 2050. The study highlights the high proportion of rare species and the lack of threat assessments for most of them, reinforcing the importance of expanding floristic knowledge of the region.

Canalli and colleagues investigated the dynamics of a macrophyte community in an Atlantic Forest wetland over one year and found a result that challenges the initial expectation: seasonal variation had little influence on community composition. The authors suggest that factors such as depth, biotic interactions, and anthropogenic impacts may play a more important role in structuring this community than the dry–rainy season cycle.

The issue then turns to vertebrate ecology. Gruener and colleagues estimated home ranges of approximately 200 km² for two pumas in Serra do Itajaí National Park, Santa Catarina. Forests were the only habitat type effectively selected by the animals, whereas anthropogenic areas were avoided. These results reinforce the importance of maintaining forest cover and landscape connectivity for the conservation of the species. Next, Braga and colleagues conducted a survey of medium- and large-sized mammals in the municipalities of Buritizeiro and Pirapora, Minas Gerais, recording 23 species, including two Cerrado endemics and six threatened species. Eleven species are commonly targeted for hunting and trapping for subsistence or recreation, revealing a fauna that persists, albeit under pressure, in a fragmented landscape outside protected areas.

Geller and colleagues then examined perceptions of the invasion and impacts of the dourado (*Salminus brasiliensis*), as well as the sociocultural appreciation of fishing for native and non-native species. The authors found that most respondents correctly identified the dourado as a non-native species, but there was confusion regarding the native status of some species in the basin. They also identified differences among the groups interviewed in their recognition of the impacts of the dourado on native fish fauna.

Closing the section of research articles, Ribeiro and colleagues assessed the abundance and richness of parasitoid wasp families in two Cerrado forest fragments. They found a negative effect of humidity on both richness and abundance, but detected no consistent temporal trends or relevant differences between the fragments.

Finally, we present the short communication by Mello and Soares, who conducted a one-year monitoring study of fishery landings in Barra de Guaratiba, Rio de Janeiro. The authors recorded 671 elasmobranch specimens belonging to 17 species, two of which have some degree of conservation concern. Compared with

previous studies, they also observed a reduction in recorded diversity and a shift in the dominant species, as well as the first records of two species in the region.

We wish you an enjoyable reading.

Dr. Ivan Monclaro Carneiro
Federal University of Rio de Janeiro, Brazil
Editor-in-Chief – *Oecologia Australis*